
A Competência Limitada dos Mercados

Um mercado é como uma ferramenta: destina-se a fazer certos trabalhos, mas não serve para outros. Não inteiramente familiarizadas com o que ela pode fazer, pessoas não raro deixam-na no fundo da gaveta quando poderiam tê-la usado. Mas usam-na também quando não deviam, como o artesão amador que descuidadamente emprega o cinzel como chave de fenda.

O que é que os mercados fazem mal, ou não fazem absolutamente? A resposta não será encontrada em críticas de alto bordo ao “capitalismo”. As críticas gerais são imprecisas. Apressam-nos também a ir logo à avaliação, o que não é nossa finalidade, e deixam de esclarecer exatamente como os sistemas de mercado funcionam.

Tomemos como exemplos três amplas críticas: as de Karl Polanyi, Erich Fromm e Marx. A crítica mais constante de Polanyi louva-se na história econômica inglesa como exemplo. Mas não deslinda os efeitos do mercado daqueles da propriedade privada, ou da distribuição das propriedades realizada pelo cercamento das terras. O sistema de mercado foi implantado na Inglaterra de uma forma inusitadamente contundente.¹

Fromm utiliza a psicanálise para argumentar que as sociedades de mercado compelem o indivíduo a suportar o fardo intolerável da tomada de decisões e daí o título que escolheu para seu livro, *Escape from Freedom*.² Por mais sofisticada que seja a psicanálise, a sua análise econômica revela a fé ingênua em que uma reforma institucional indefinida, chamada de “planejamento”, poria fim à tensão psíquica da vida de mercado.

A análise abrangente de Marx de todo um sistema e cultura social constitui uma síntese que jamais foi igualada pela de qualquer

outro cientista social. Mas as próprias dimensões ambiciosas da síntese entrelaçam tão apertadamente mercado, propriedade privada, empresa privada, distribuição histórica dos direitos de propriedade, desigualdades de classes historicamente estabelecidas e estruturas políticas que obscurecem os efeitos, separáveis, do mercado. À parte algumas observações perspicazes (sobre o “nexo monetário”, por exemplo), não podemos derivar diretamente de Marx um conjunto de características definidoras dos sistemas de mercado ou de incapacidades típicas.

Mas, antes de passar ao exame de nossa própria lista de incapacidades, frisemos que os incentivos discutidos no capítulo anterior fazem parte do mecanismo de mudança e crescimento rápidos dos sistemas de mercado, não importando o quão defeituosos possam ser por outros motivos. Como os sistemas de autoridade, que podem organizar milhões de pessoas em grandes obras de cooperação social, a despeito das falhas características de tais sistemas, os de mercado realizam grandes façanhas não obstante o que nelas possa acontecer em alocações errôneas e ineficiência. Os de mercado encorajam milhares e milhões de iniciativas. São sistemas abertos, turbulentos, que podem mudar ou crescer num número interminável de pontos. Dão grande oportunidade às invenções e improvisações, à fertilidade de recursos local e individual, a um número imenso de desafios e respostas potenciais — todos os quais conheceremos em maiores detalhes em capítulos subseqüentes.

Não obstante, algumas das características desses sistemas que explicam a mudança, o crescimento e a prosperidade são, de outro ponto de vista, seus próprios defeitos. Por exemplo, é uma espécie de defeito ou irracionalidade dos sistemas de mercado que os inovadores possam lançar os custos ou dificuldades das inovações em outras pessoas. As inovações, durante a fase da transição, desempregam e também tornam obsoletos equipamentos, especializações e, às vezes, comunidades inteiras. O empresário calculador de lucro, no entanto, pode ignorar esses efeitos adversos: não caem sobre ele. É a essa irracionalidade que devemos grande parte do surto de produtividade que, nos séculos XIX e XX, trouxe uma relativa prosperidade à Europa Ocidental e à América do Norte. A irracionalidade inovativa dos sistemas de mercado transformou-se numa força pela mudança como o mundo jamais conheceu. E não teve rival até depois da Revolução Bolchevista. Nessa ocasião, tornou-se claro que existia outro poderoso mecanismo — poupança forçada — para produzir inovação.

A Lista Convencional dos Defeitos do Mercado

A fim de identificar-lhe os defeitos ou falhas, os economistas teóricos imaginam um mercado perfeito, mesmo que nenhum deles te-

na existido ou possa existir. Imaginá-lo, contudo, permite aos economistas dizer que eles falham por todas as razões que negam a perfeição. A lista convencional de defeitos, portanto, inclui impossibilidades e dificuldades. Identifica algumas realizações na esfera da organização social que não podem ser concretizadas através da troca e dos mercados. E identifica também as que podem ser obtidas apenas imperfeitamente. Uma vez que todas as organizações sociais são imperfeitas, a segunda categoria de defeitos precisa ser compreendida à luz de imperfeições comparáveis de formas alternativas de organização.^a

A Otimidade de Pareto

De qualquer modo, com a ajuda do conceito do ótimo de Pareto para definir a perfeição, os economistas elaboram uma lista de “falhas do mercado”, isto é, circunstâncias em que é inatingível o conceito que formulam de perfeição. Fazem-no supondo uma sociedade de propriedade privada e de homens livres. Uma vez que em tal sociedade qualquer indivíduo pode amiúde aumentar a satisfação de suas necessidades através da troca e que, ao fazê-lo, não acarreta falta de satisfação para ninguém, parece que, nas circunstâncias apropriadas, um ótimo poderia ser alcançado no qual todas as trocas possíveis mutuamente vantajosas e não prejudiciais seriam conseguidas. A lista de defeitos, que pode ser formulada abstrata ou concretamente, especifica em seguida as circunstâncias em que, por uma razão ou outra, não pode ser alcançado esse “ótimo sem prejuízo para ninguém”.^b Tal lista é a seguinte:

^a O conceito de mercado perfeito leva às vezes o economista a confundir mercado perfeito com mercado do mundo real. Grande número de suposições sobre mercados apresentadas subseqüentemente neste livro provocará com frequência uma reação de “não é verdade!” do economista, porque ele está acostumado a generalizar sobre mercados idealizados, enquanto neste livro discutimos os que funcionam no mundo real.

^b Na teoria econômica, a busca da simplificação teórica resulta em tentativas de enquadrar todos os defeitos do mercado no que podem ser conceitos excessivamente abstratos, tais como “externalidades” e “custos de transação”. Na melhor das hipóteses, esses conceitos são como que um prefácio à análise. Ver por exemplo, E. J. Mishan, “The Postwar Literature on Externalities”, *Journal of Economic Literature*, 9 (março de 1971); Kenneth J. Arrow, “The Organization of Economic Activity”, em *Public Expenditures and Policy Analysis*, Robert Haveman e Julius Margolis, orgs. (Chicago: Markham, 1970). Outros economistas vincularam a análise dos defeitos de mercado à comparação de alternativas organizacionais específicas, como, por exemplo, Oliver E. Williamson, *Markets and Hierarchies* (Nova York: Free Press, 1975). Para um excelente sumário das várias tentativas de organizar a análise dos defeitos de mercado, ver Jesse Burkhead e Jerry Miner, orgs., *Public Expenditure* (Chicago: Aldine Atherton, 1971), cap. 4.

Incompetência individual. Obviamente, um ótimo é impossível quando as pessoas ignoram suas próprias preferências ou as qualidades dos bens e serviços que compram. Na verdade, nenhum consumidor é competente de cima a baixo de sua lista de compras: seguro, serviço médico, equipamento mecânico e eletrônico de vários tipos, alimentos tratados com aditivos. Isso é naturalmente um problema em todas as formas de organização: os que decidem jamais são inteiramente competentes em todas as facetas da organização político-econômica.

Custos não-contados. Quando uma fábrica polui o ar, utiliza recursos não-contados nos seus custos de produção. Parte do que produz, por conseguinte, não corresponde a seus custos e é lucrativo produzir apenas porque nem todos eles são contados. A fábrica vende a preços arbitrários e não de eficiência. Custos não-contados são suportados por partes na transação — os clientes da empresa — e por estranhos inocentes. A crescente incidência do câncer sugere que todos podemos estar pagando os custos da poluição do ar. À medida que o homem aprendeu a dominar volumes crescentes de energia mecânica e a organizá-la em empresas cada vez maiores, sua capacidade organizada de empestar a terra, provocar doenças em si mesmo e gerar filhos disformes tornou-se — usando a palavra no seu velho sentido — terrível.

Mais uma vez, os mercados são apenas uma de várias formas de organização social que lhe permitem o exercício dessas novas e heróicas formas de competência; todos os demais sistemas fazem o mesmo. A degradação do meio ambiente constitui também um dos produtos do planejamento soviético, tornado gritantemente visível pelos problemas ambientais em torno do lago Baical.^e A China tem as mãos cheias de problemas ambientais, alguns deles como consequência dos métodos de desenvolvimento empregados desde a Libertação.³

A diferença entre os sistemas de mercado e outros no tocante a custos não-contados é que eles, a menos que suplementados pela autoridade governamental, não podem arcar com certas despesas, ao passo que isso não acontece em outros sistemas, mesmo que eles geralmente não o façam. Com emprego da autoridade governamental em sistemas orientados para o mercado, no entanto, os custos não-contados podem ser imputados: mediante imposição de tributos, por exemplo, como fazem agora alguns Governos, para cobrar às empresas o valor do ar

^e É um problema em todo o sistema soviético. "Não há um único rio na Ucrânia cujo estado natural tenha sido preservado." A poluição do ar, a erosão das costas, a salinização do solo aparecem na U.R.S.S. aproximadamente da mesma forma que nos sistemas de mercado. Marshall I. Goldman, "The Convergence of Environmental Disruption", *Science*, 170 (2 de outubro de 1970). Ver também Cynthia H. Enloe, *The Politics of Pollution in a Comparative Perspective* (Nova York: David McKay, 1975).

ou das vias fluviais que poluem. Essas soluções estão longe de ser ideais, mas têm que ser comparadas com soluções não-ideais em sistemas alternativos.⁴ E note-se que é justamente esse aspecto dos mercados — a possibilidade de que os tomadores de decisão não contem os custos (que recaem sobre outros) do que fazem — que, como já vimos, explica grande parte da mudança e do crescimento.

Benefícios não-contados. Benefícios não-contados parecem prometer uma vantagem — ou um caso de eficiência extra dos sistemas de mercado. Mas não é realmente isso. Representam outro cálculo errado, inevitável e sistemático dos sistemas e mais um desvio dos preços de eficiência. Se o programa de treinamento de uma empresa constitui um benefício para todos os demais empregadores para os quais os estagiários vêm a trabalhar com o passar dos anos, o benefício aparente oculta a incapacidade de se atingir um ótimo. Os parceiros na troca — a empresa e o estagiário — realizam transações que produzem a menos. Devido à impossibilidade de contar os benefícios colhidos por outras empresas, o programa será realizado apenas enquanto for vantajoso para a firma que o inicia. Mais treinamento seria o ótimo. Ora, isso é um problema comum a todas as organizações, ou seja, o fato de que os tomadores de decisão talvez deixem de aproveitar benefícios. O problema é característico dos sistemas de mercado no sentido em que os executivos certamente não os aproveitam.

Transações dispendiosas. Nos Estados Unidos, quase um em cada cinco empregados civis trabalha em comércio a grosso e a retalho. Embora grande parte desse trabalho tome a forma de armazenamento, movimentação de volumes, acondicionamento e outros serviços, a maior parte é reservada a nada mais do que à compra e venda — isto é, fazer trocas e manter registros delas. As transações em si são dispendiosas. Mais uma vez, contudo, os processos, administrativos ou não, necessários a qualquer sistema alternativo, são dispendiosos.

A negociação de uma troca custa às vezes mais do que ela vale. Esse é um dos motivos por que existem empresas e por que crescem — para criar um grupo de trabalho dentro do qual é desnecessária a troca contínua. É mais barato pagar a um grupo de empregados uma vez por semana para obedecer a ordens durante toda a semana do que negociar contratos com trabalhadores autônomos pelos milhares de serviços necessário.⁵ Em outras circunstâncias, os custos da autoridade e da persuasão é que são altos demais.

Monopólio. Quando, em qualquer mercado, há apenas poucos compradores ou vendedores, uma pessoa ou um grupo podem de modo arbitrário restringir as compras de produção ou as vendas. Além disso, podem restringir também de modo arbitrário a produção em todas as formas alternativas de organização.

No que toca a essa lista de “defeitos” de mercado, nenhum pode ser negado. Identificá-los ajuda-nos a compreendê-los. Mas não constituem uma lista de colapsos ou de impossibilidades para os mercados — sendo apenas uma lista de defeitos que os mercados compartilham com todas as demais formas de organização social. Nem mesmo são as deficiências mais importantes; a lista é derivada não de uma avaliação do que é mais importante neles, mas de uma tentativa de especificar as condições em que eles atingirão ou não a perfeição impossível do ótimo de Pareto.

Os bens públicos e o “carona”. Outra impossibilidade de atingir o ótimo de Pareto tem origem diferente. No tocante a certos produtos, tais como defesa nacional, alguns tipos de educação e controle do tráfego, os benefícios transbordam para outras partes, isto de tal modo que solapa o incentivo de qualquer comprador. No mar um farol brilhará para todos. Mas, desde que em geral todos podem usar os seus serviços sem pagar, todos desejam ser “caronas”. No que concerne a esses bens “públicos”, requer-se que a autoridade imponha uma taxa aos usuários. De outra maneira, não serão produzidos. Nesse “defeito” identificamos uma impossibilidade — uma façanha de organização social que a troca nos mercados não pode realizar e que um método alternativo poderia.

Uma Incapacidade Maior

A lista acima, contudo, não é suficientemente longa. A idéia de que os mercados são perfeitos quando podem realizar o ótimo “sem prejuízo para ninguém”, de Pareto, e imperfeitos em caso contrário, é em si arbitrária e sua rejeição indica outras incapacidades do mercado. Nos casos de numerosas atividades da organização social, é necessário impor uma perda a alguém, como, por exemplo, a redistribuição da terra para estimular o desenvolvimento econômico, no México sob Cárdenas ou no Japão após a II Guerra Mundial. Ou talvez seja importante treinar os jovens, queiram eles treinamento ou não. Na medida em que os mercados só podem organizar atos de coordenação mutuamente vantajosos, voluntários, será necessário descobrir alternativas extramercados. Nesse caso, as virtudes convencionais dos mercados constituem amiúde desvantagens.

O Fracasso dos Incentivos de Mercado

O mesmo argumento pode ser apresentado em termos de incentivos. No argumento convencional, os incentivos de mercado são perfeitos, acarretam reações voluntárias, e só estas. Jamais requerem uma reação que coaja, prejudique ou imponha uma perda ao respondente.

Ainda assim, uma reação dessas é freqüentemente necessária, conforme acabamos de ver.

Em outros casos, os incentivos funcionam, mas apenas a um custo proibitivo. Ao contrário do controle através da autoridade, vimos que o feito através da troca é dispendioso em todas as ocasiões em que é empregado. O controlador tem que renunciar a algo de valor.⁴ As vezes, nem um indivíduo nem um servidor público pode oferecer um benefício no volume necessário para induzir a necessária reação. Reconhecendo a carência de bens de consumo no país, a China e Cuba vêm procurando motivar os trabalhadores tanto quanto possível sem dependência de pagamento. Numerosos outros países menos desenvolvidos têm milhões de desempregados e milhões de tarefas deixam de ser cumpridas — o que, segundo o bom senso, é uma monumental e trágica irracionalidade. Os Governos, porém, não raro julgam que é dispendioso demais dar trabalho a essa gente e deixam-na desempregada.

Poder Declinante dos Incentivos de Mercado?

Os incentivos de mercado são importantes. Os camponeses indianos, por exemplo, de cujo isolamento social se poderia esperar que os tornasse insensíveis a esses incentivos, têm demonstrado repetidamente sua sensibilidade a eles, mudando de um tipo de colheita para outro à medida que se alteram os preços relativos. Ainda assim, em sociedades ricas, ouvimos cada vez mais opiniões como a seguinte: “O que está acontecendo por aí é que os incentivos dos velhos dias perderam sua força, o hábito de trabalhar está-se deteriorando e os incentivos da nova sociedade não foram ainda criados.”⁶

Parte das dificuldades de Fidel Castro para que a safra de cana-de-açúcar fosse colhida teve por causa a pouca disposição do trabalhador cubano, que se sente agora mais garantido de sustento do que antes, de contribuir com exaustivas horas nos campos, aos quais a ameaça de fome costumava mantê-lo preso.⁷ A baixa produtividade britânica é às vezes atribuída ao Estado do Bem-Estar Social, no qual os trabalhadores não se sentem mais “suficientemente amedrontados”.⁸ Por outro lado, como já vimos, até mesmo os programas de bem-estar mais plenamente desenvolvidos da Suécia parecem compatíveis com alta produtividade. A incomum segurança no emprego no Japão, sem igual em qualquer sistema de mercado, não parece solapar os incentivos de uma força de trabalho altamente produtiva.⁹ Pode acontecer que a preocupação com o declínio da ética do trabalho confunda os

⁴ Mesmo na ausência da autoridade já estabelecida, quando o controle é exercido através de uma ameaça difícil de implementar, a ameaça jamais precisa ser levada a cabo no caso dos respondentes que obedecem. No controle através da troca, o controlador é obrigado a pagar todas as vezes.

incentivos de mercado com os dos sistemas autoritários. Aquilo que se chama comumente de alienação do trabalhador, como veremos num capítulo subsequente, parece, com maior probabilidade, ser consequência da maneira como a autoridade é organizada no local de trabalho do que resultado de incentivos de mercado. Hora após hora nas sociedades industrializadas modernas, os trabalhadores são motivados — ou deixam de sê-lo — pelos dispositivos da autoridade.

Insegurança e Instabilidade

Outra objeção comum e pertinente aos mercados é que eles fomentam a insegurança na população. Uma vez que a troca pode em geral ser abruptamente interrompida, o que nela se consegue é ao custo de um risco. A interrupção de transações, como já vimos, torna-se um problema ainda mais grave quando o sustento da pessoa está em jogo. À parte a interrupção, todos os participantes na troca sabem que o preço do que vendem pode declinar em comparação com outros preços, ou que os preços que pagam podem subir, o mesmo não acontecendo com os que recebem.

Uma pessoa sofre perda de emprego ou renda por um grande número de razões, todas as quais se reduzem ao fenômeno simples de que outras pessoas não podem, ou não querem, mais pagar pelo que ela tem a oferecer. O progresso tecnológico, as mudanças nas preferências dos consumidores ou a depressão numa indústria ou setor da economia podem eliminar a demanda daquilo que ela tem a oferecer. Antes da II Guerra Mundial, os sistemas orientados para o mercado desencadeavam regularmente catástrofes sobre grandes segmentos da população, com inflação descontrolada, provocada por excesso de dispêndio ou grande desemprego acarretado por escassez de gastos. Voltando os olhos para o passado, é difícil acreditar que povos civilizados tenham tolerado uma degradação do porte da Grande Depressão na década de 30, quando o desemprego nos Estados Unidos chegou a um quarto da força de trabalho e permaneceu grave durante quase dez anos. Desde então, inovações keynesianas na teoria econômica — juntamente com a contabilidade da renda nacional — transformaram esses sistemas, transformação esta que talvez seja a maior realização humana até agora na aplicação direta da Ciência Social à solução de problemas sociais. Desde a II Guerra Mundial, só em casos raros a recessão se fez sentir com força suficiente para reduzir o produto nacional bruto; atualmente, de modo geral mostra apenas crescimento lento. Mesmo assim, o problema do desemprego dificilmente pode ser considerado como resolvido. O mesmo acontece com o problema da inflação, esfera em que as nações industrializadas parecem estar mais recuando do que avançando.

A própria produção, mostram agora alguns estudos, flutua mais nos sistemas comunistas do que nos orientados para o mercado, na Europa e América do Norte.¹⁰ Nos sistemas comunistas, contudo, o desemprego não oscila na mesma proporção.⁹ Numerosos líderes comunistas proclamam orgulhosamente que nos seus sistemas não há desemprego. Na verdade há, como é inevitável em todos os sistemas em que pessoas mudam de tempos em tempos de um emprego para outro. Mas é mantido em níveis muito baixos porque se transformou o emprego num “direito”, o que significa restringir muito a autoridade do empregador para despedir. O resultado são folhas de pagamentos excessivas em numerosas firmas, desperdício de mão-de-obra e, em algumas circunstâncias, restrições à liberdade do trabalhador de mudar-se quando quiser.¹¹ Mas indubitavelmente os sistemas comunistas proporcionam um grau de segurança no emprego que não existe nos orientados para o mercado, embora o seguro-desemprego constitua um grande passo à frente para a segurança, e os sistemas de mercado possam dar ainda maior garantia de emprego.

Uma nova instabilidade nesses sistemas de mercado é revelada pela existência simultânea de desemprego e inflação.¹² Uma das explicações para o fenômeno é a manipulação de preços e salários por empresas monopolistas e por sindicatos. Outra é justamente o declínio dos incentivos de que falamos acima, e que pode estar ocorrendo. Em qualquer dada ocasião, provavelmente vigora alguma taxa de recompensa para a administração que induz o volume de atividade empresarial necessária para o pleno emprego. Ao mesmo tempo, ao que tudo indica, existe alguma estrutura de salários suficientemente atraente para manter um nível de produtividade do empregado aceitável pela gerência, prevenir uma onda de dispendiosas exigências salariais e impedir a ameaça geral de greve. Embora sempre se tenha pensado que a soma dos necessários retornos à administração da empresa e aos empregados não é maior do que a renda nacional, essa suposição pode atualmente incidir em erro. Se um excesso de reivindicações é atendido por expansão monetária, o resultado é inflação; em caso contrário, a consequência é atividade empresarial retardada e desemprego. Se parcialmente atendidas, o resultado é inflação e desemprego, da forma que hoje caracteriza o sistema de mercado no mundo.

Historicamente, os sistemas orientados para o mercado prosperaram apenas porque mecanismos sociais de ação sutil — alguns dos quais estudaremos em capítulos subsequentes — contiveram as deman-

⁹ E a inflação é suprimida através da formação de preços pelo Governo, controle da renda e outras políticas de aplicação difícil nos sistemas de mercado.

das totais que lhe foram feitas. Se essas limitações estão-se desmoronando, teremos talvez que esperar décadas de crescente desorganização econômica nos sistemas de mercado. O Reino Unido talvez seja a forma do futuro para os sistemas orientados para o mercado: capacidade declinante de competir no comércio internacional, produtividade em queda e gradual redução do padrão de vida.

Outras Limitações aos Mercados

Arbitrio Empresarial

Um dos requisitos para obter o ótimo de Pareto é que os empresários, como no caso de todos os participantes no mercado, sejam competentes para tomar decisões corretas. Mas não está inteiramente claro o que isso significa. Mas pelo menos significa que eles podem descobrir e admitir o método de custo mínimo para produzir qualquer dado produto e também o nível de produção que torna o custo marginal igual ao preço. No que toca a processos produtivos complexos, podemos ter certeza de que isso não acontece. Uma questão prática é se, em seu arbitrio para agir, os executivos das empresas e outros homens de negócios podem aproximar-se suficientemente dos dois requisitos — embora difiram as opiniões sobre o que significa “suficientemente” — e se os controles de mercado podem levá-los até uma aproximação aceitável.

Em conseqüência, citamos o arbitrio empresarial como uma grande limitação possível ao emprego de sistemas de mercado. Em uma era de empresas gigantes, tecnologicamente complexas, a faixa de arbitrio aberta à administração pode tornar-se incompatível com as alegações convencionalmente feitas sobre a utilidade dos sistemas de mercado. Este é um ponto ao qual voltaremos em capítulos subseqüentes.

Impropriedade das Preferências Individuais

Examinando os sistemas de mercado afluentes nos quais a produção de trivialidades assume às vezes precedência sobre o fornecimento de, digamos, tratamento médico básico para milhões de crianças, os críticos põem em dúvida um sistema no qual as preferências individuais, não importa o quão insensatamente consideradas, estabelecem metas de produção. Acreditam que elas, coletivamente fixadas, seriam quase certamente melhores. É um fato que a maioria dos sistemas de mercado está em grande parte vinculada a preferências individuais, que podem constituir diretrizes inadequadas para a produção. No capítulo

seguinte, contudo, veremos a possibilidade de serem organizados sistemas de mercado para cumprir metas individuais ou coletivas.

Objeções Morais

Algumas pessoas levantam não só objeções práticas, mas também morais, à predominância das preferências individuais nos sistemas de mercado. São feitas também outras objeções da mesma natureza, cada uma delas contestando algum aspecto da troca, embora deixada esta intocada na sua justificação econômica convencional. Quase todas as pessoas dirão que, em certas circunstâncias, a troca em si é imoral. Vender a própria pessoa, por exemplo, é legalmente proibido em quase toda parte do mundo. Juízos estéticos e morais às vezes se combinam na opinião de que “obtendo e gastando, desperdiçamos nossos recursos”. Além do mais, troca e sistema de mercado implicam propriedade privada. Se esta é em si imoral, como acreditam algumas pessoas, então por esse mesmo motivo as trocas e os mercados são também imorais. Numerosos indivíduos levantarão também uma objeção moral a trocas que parecem desleais porque, mesmo que ambas as partes ganhem, uma delas pode ganhar muito mais do que a outra. São contrários também ao que consideram barganhas duras.

Algumas Inferências Dúbias

Distúrbio da Personalidade

Outras críticas ao sistema de mercado, no entanto, não são lá muito esclarecedoras. Alegam-se distorções na personalidade e na cultura. Afirma-se, por exemplo, que a vida no meio industrial prejudica a personalidade, o que não ocorre no ambiente rural. Aqui é claro que a crítica deve visar à industrialização, um fenômeno mundial não limitado aos sistemas de mercado. Ou porque põem alguns homens em situação de controlar outros, numa relação prejudicial a ambos. Mas isso é um aspecto óbvio de toda vida social organizada; em todos os sistemas há esse tipo de controle. Ou que o sistema de mercado lança os homens em competição uns contra os outros. Mas o mesmo acontece na competição por empregos, poder e promoção nos sistemas de autoridade. Ou ainda que as relações de troca afastam as pessoas de empreendimentos cooperativos em seus próprios interesses individuais. Mas, na verdade, a relação de troca realiza uma divisão do trabalho cooperativa a nível internacional num grau jamais alcançado por qualquer mecanismo alternativo.

Embora Aristóteles considerasse a troca uma atividade apropriada, se limitada a servir a necessidades humanas moderadas, julgava-a cor-

ruptora como principal preocupação ou instrumento para ganhos sem freios. Mais de 2.000 anos depois, John Ruskin escreveu:

...na comunidade regulada apenas pelas leis da oferta e da procura, mas protegida da violência declarada, as pessoas que enriquecem são, em termos gerais, industriosas, resolutas, orgulhosas, cúpidas, expeditas, metódicas, sensíveis, frias, insensíveis e ignorantes. As pessoas que continuam pobres são as inteiramente tolas, inteiramente sábias, os ociosos, os pródigos, os humildes, os ponderados, os chatos, os imaginosos, os sensíveis, os bem-informados, os imprevidentes, os irregular e impulsivamente maus, o patife desajeitado, o ladrão conhecido e a pessoa inteiramente compassiva, justa e santa.¹³

Através de toda a história do pensamento flui uma poderosa corrente subterrânea de antagonismo à troca, subindo à superfície de tempos em tempos, como em Montesquieu, entre outros, e, naturalmente, Marx, e manifesta-se em velhos preceitos morais e legais, como os que havia contra a usura. Mesmo que o antagonismo amiúde não consiga apontar para características específicas dos sistemas de mercado como aquelas que vimos tentando identificar, como a emergente repulsa à burocracia, a oposição tem que ser reconhecida.

Descaso pelo Futuro

Alega-se também que os sistemas de mercado negligenciam o futuro. Concedido. Em todos os sistemas, o homem provavelmente não adota a perspectiva de longo prazo. Mas esses sistemas não são necessariamente menos orientados para o futuro do que outros. Pode-se comprar uma parte do futuro. Se, no sistema de mercado, o proprietário de um recurso natural vem a acreditar que o mesmo se tornará escasso no futuro, sentir-se-á motivado a retirar parte do mesmo da circulação corrente a fim de obter vantagem de preço mais alto no futuro. Se não é ainda o proprietário, será motivado a comprá-lo e reservá-lo para o futuro. Isso tanto o enriquece quanto conserva o recurso.

A Crítica Moderna da Economia Radical

Finalmente, uma nova escola de economistas radicais alega que o capitalismo é a raiz do crime, do racismo, do sexismo e da expansão militar.¹⁴ Aceitando-se a palavra "capitalismo" como denotando o sistema de mercado de livre empresa, não é visível uma conexão entre tais problemas e tal sistema. Isso porque os problemas são tão velhos como a própria história e antedatam de muito o mercado e os sistemas de livre empresa. No mundo moderno, eles também existem no mundo comunista e no dos países em desenvolvimento. Carecemos de evidência de que sejam mais graves num sistema de que em outro. Tam-

pouco aspectos particulares das instituições de mercado podem ser estreitamente vinculados a eles. Pode-se argumentar que os sistemas de livre empresa incorporam aspectos de exploração, e a exploração pode ser considerada como a raiz de todos esses problemas. Mas todas as alternativas aos sistemas de mercado de livre empresa incorporam a exploração.

Talvez se torne claro algum dia que nos sistemas de mercado persistem características como racismo ou sexismo, enquanto outros tipos de sistemas político-econômicos gradualmente deles se desfazem. A China mostra, por exemplo, que sob um Governo autoritário um progresso extraordinariamente rápido pode ser feito em direção à igualdade sexual. Ainda assim, até agora a evidência é no sentido de que diferenças em cultura ou circunstâncias históricas, e não diferenças em estrutura econômica, explicam as variações nesses traços que podem ser observadas entre nações. A China Comunista seria provavelmente julgada menos existista do que a União Soviética, por exemplo, embora mais do que a Suécia.

A alguns desses problemas — a alienação é um deles — voltaremos em capítulos subseqüentes. Isso porque em nenhum deles devemos ignorar meios indiretos sutis, mesmo que estejam ainda além de nossa compreensão, mediante os quais instituições político-econômicas podem afetar as condições da sociedade, como a taxa de delinqüência ou tipos de discriminação sexual ou étnica. Sem dúvida, podem ser estabelecidas algumas conexões sólidas entre esses fenômenos e as instituições da iniciativa privada e o sistema de mercado, bem como ligações semelhantes em outros sistemas político-econômicos, uma vez que em nenhum deles desaparecem de súbito. Em todos, são de alguma maneira perpetuadas em vários graus.

Implicações para o Governo e a Política

Na busca de uma lista definitiva de deficiências de mercado, os economistas não incluem os efeitos adversos do sistema sobre o Governo e a política. É um ponto omissão em suas análises. Têm eles razão em acreditar que, por alguns motivos, o emprego do sistema simplifica o Governo e a política ao dar cumprimento, através da troca entre parceiros privados, a tarefas de organização social que, de outra maneira, seriam um fardo para o Governo. Estão certos também em acreditar que os sistemas de mercado contribuem para dar respaldo à democracia liberal, e iremos examinar o caráter desse apoio num capítulo subseqüente. Ignoram, no entanto, as maneiras como, uma vez que grandes decisões são tomadas no mercado e não no Governo, as tarefas do Governo são complicadas e os poderes do Governo, de certo modo, muti-

lados. Em especial, negligenciam certas ameaças à democracia que têm origem no poder de mercado. Essas complicações e ameaças têm que ser contadas como limitações do sistema. A análise das mesmas será feita em vários dos capítulos que se seguem.

Âmbito do Sistema de Mercado

Deixem-me dizer mais uma vez que a nossa lista das limitações dos mercados tem apenas a intenção de esclarecer características do sistema, e não de realizar uma avaliação ou a chegar a um juízo, como os feitos por Aristóteles, Ruskin ou Marx. Mas para identificar de forma sumária não as fraquezas do mercado, que são numerosas e complexas demais para serem simplificadas, mas as suas impossibilidades, é útil uma pergunta final: O que pode uma organização realizar através da troca e do mercado, se isso é permitido, e o que se pode permitir que faça?

Pode organizar milhares ou milhões de pessoas a fim de produzir uma grande variedade de bens e serviços comerciais, todos nós sabemos. Além disso, pode realizar numerosas coisas que muitos de nós erroneamente supõem que não podem. Pode construir e operar uma estrada de rodagem, por exemplo, fato este exemplificado por estradas de pedágio privadamente mantidas. Pode construir e operar instituições educacionais e de pesquisa, que sobrevivem vendendo serviços. Pode prover os serviços de um judiciário através de organizações como a Associação Americana de Arbitragem, que pronuncia julgamentos contra o pagamento de emolumentos. Pode prover serviços militares e policiais, conforme ilustrado pelo caso de mercenários em Angola na década de 70 e pela Agência de Detectives Pinkerton e outras. Pode prestar serviços postais, de que servem de exemplo os crescentes serviços dessa natureza nos Estados Unidos.

Pode também construir, manter e governar uma cidade inteira com o produto de vendas de terra e casas. Realmente, certo número de empresas está fazendo justamente isso, fundando cidades para aposentados, como as Leisure Worlds, construídas e governadas pela Ross-moor Corporation. Os cidadãos, se assim podemos chamá-los, pagam à empresa por aproximadamente todos os serviços geralmente prestados pelo Governo municipal, bem como para que ela tome a maioria das decisões governamentais que os cidadãos em geral têm que tomar pessoalmente ou através de seus representantes eleitos ou nomeados.

A despeito de tudo isso, o sistema de mercado é uma instituição de uso limitado. Há algumas tarefas que nenhum sistema desse tipo pode tentar realizar, ou chegar a realizar. Na forma mais simples e grosseira, a distinção entre o que os mercados podem ou não fazer é a seguinte: para que haja vida social organizada, as pessoas precisam

ajudar-se mutuamente. Em certo conjunto de circunstâncias, o que necessitam dos demais obtêm induzindo-os com os benefícios que lhes oferecem. Em outras circunstâncias, suas necessidades não serão voluntariamente atendidas e terão que ser satisfeitas compulsoriamente. O sistema de mercado pode operar no primeiro conjunto de circunstâncias, mas não no segundo. Suas limitações são visíveis quando comparadas com um sistema de autoridade. Embora a autoridade não seja obrigatória no primeiro conjunto, pode ser usada em ambos.^f

^f Da maneira como a primeira circunstância é descrita, pode parecer que é rara. Não obstante, o emprego onipresente de mercados sugere que é, de fato, comum. Os Governos aumentam muito a freqüência da primeira circunstância ao conceder um fundo de importantes recursos à maioria dos adultos, sob a forma de bens físicos ou dinheiro (através da lei da propriedade). Portanto, a maioria das pessoas possui algo importante — altamente convincente — a oferecer para induzir a cooperação. A maioria de nós aceita como natural a propriedade privada, mas é esclarecedor considerá-la como um expediente de criação humana, que torna a primeira circunstância comum, e não uma raridade.